

APRESENTAÇÃO

O presente DOSSIÊ CULTURAS, CORPO E NATUREZA reúne pesquisas, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, que propõem reflexões sobre as experiências corporais contemporâneas em suas interfaces com cultura e natureza. Nesse sentido um conjunto de temáticas ligadas ao turismo, ao sentimento de natureza e ao espaço urbano, às emoções e à arte é explorado. Os artigos reunidos nesta edição buscam, de uma forma ou de outra, responder às seguintes questões: Como se fazem os agenciamentos do corpo nas práticas turísticas e de lazer (praias, ecoturismo, esportes radicais, yoga etc) ou na criação coreográfica, por exemplo? Quais são os usos e as construções culturais do corpo em relação à sua – não menos construída – “naturalidade”? Como, a partir das imersões etnográficas dos pesquisadores, são elaboradas pistas analíticas que nos propõem refletir sobre as experiências do corpo na cidade?

Visto de perto o corpo é síntese de múltiplos processos sociais e culturais que incorpora os modos dominantes de produção da subjetividade, mas que permite, criativamente, processos de singularização, num campo de tensões, coerções e subversões sociais. Pensar os usos do corpo, as invenções e intervenções corporais, as micropolíticas do desejo e as revoluções moleculares na cultura assim como as transformações tecnológicas e a gestão do Estado sobre o corpo, se constitui tanto um desafio analítico quanto metodológico e político. Talvez o maior desafio que se impõe hoje à teoria social diz respeito à construção de análises consistentes que deem conta das variações nos marcadores simbólicos de identidade que se inscrevem sobre a matéria corpórea. Não resta dúvida, porém, de que a boa teoria social aliada à cuidadosa pesquisa empírica é capaz de lançar luz sobre o referente corpo que resiste às tentativas de enquadrá-lo em modelos e padrões sociais e nas técnicas de disciplinamento e docilidade.

Esta edição da Revista O Público e o Privado é publicada em um momento em que as fronteiras entre cultura e natureza são confrontadas por experiências corporais que deslocam o conhecimento baseado em referenciais de identidades estáticos. Embora a realidade se nos apresente dinâmica, durante muito tempo o corpo foi visto a partir de seu pertencimento ao universo do natural e do estável. No presente número, o leitor encontrará reflexões que buscam alargar o campo de experiências corporais em suas interfaces com as apropriações técnicas que variam segundo os registros culturais que se inscrevem sobre a matéria corpórea.

Os textos reunidos seguem caminhos distintos, mas metodologicamente criativos, para tratar do corpo em suas conexões com cultura e natureza. No texto que abre o Dossiê, Romain Bragard nos apresenta uma instigante análise das sensorialidades corporais dos praticantes de caminhadas pedestres na França, buscando explorar as diferentes facetas da subjetividade em jogo. As dimensões sociais e econômicas e a busca do “enselvajamento” constituem chaves para o autor adentrar nas lógicas corporais mobilizadas pelos sujeitos caminhantes. A questão da intimidade com a matéria, com si mesmo ou com os outros permite ao autor apreender um exercício recreativo de governo de si, por parte do caminhante, cuja compreensão esclarece certos aspectos sociológicos e políticos da transformação contemporânea do vínculo social.

No segundo artigo, Wellington Maciel propõe pensar as experiências corporais na contemporaneidade a partir do que ele denomina *gentrification* praieira. Inicialmente, o autor apresenta a generalização histórica da *gentrification* para outras partes da cidade. Em seguida, tece considerações sobre a arquitetura que melhor simboliza a zona praieira liminar enobrecida: a arquitetura *lounge beach*. Na sequência do texto, afirma que as novas formas arquitetônicas contribuem para o agenciamento dos corpos, possibilitando, em certas ocasiões, a construção de lugares de contestação, zonas de fronteira, onde sujeitos destituídos de poder usam a ordem imposta e os recursos escassos disponibilizados. De modo geral, o artigo considera o corpo síntese dos processos citadinos, *incorporando* suas contradições e possibilidades.

No artigo seguinte, Ricardo Nascimento e Igor Monteiro refletem sobre os modos criativos de ocupação urbana pelos praticantes da capoeira, tomando como referente empírico dois coletivos de capoeira na cidade de Fortaleza. A partir de experiências etnográficas desenvolvidas nos últimos anos, os autores buscam compreender como a presença corporal, a valência musical e a dimensão performativa da capoeira apresentam-se como possibilidades de efetivação do “fazer-cidade”, um esforço concreto de dotação de sentido para a expressão “direito à cidade”.

Na continuidade do Dossiê, o artigo de Clodomir Matos Júnior é uma contribuição aos estudos que se dedicam à compreensão das práticas corporais em contextos representados sob a ótica da criminalidade e do medo. Explorando os percalços dos moradores de espaços atravessados pela representação da violência e do medo, através de uma abordagem que privilegia os sentidos e os significados negociados no jogo social, o autor versa sobre como o corpo emerge como um elemento pleno de significados no processamento e desenvolvimento do conhecimento social.

Fechando o Dossiê, o artigo de Pedro Henrique Almeida Bezerra objetiva analisar de que forma o corpo *drag queen* coloca ou não em cheque os padrões de corpo, gênero e sexualidade vigentes. Tendo a cidade de Fortaleza como campo de observação, as *drags* situam-se em um território limítrofe de identificação e *des-identificação* constante com as normas, por vezes as reiterando e por vezes as subvertendo.

Os organizadores do DOSSIÊ CULTURAS, CORPO E NATUREZA desejam que os leitores possam aproveitar as ótimas reflexões desenvolvidas aqui e que os resultados das pesquisas possam contribuir para o alargamento dos debates teóricos, epistemológicos e metodológicos sobre as experiências corporais na contemporaneidade, contribuindo para subverter as fronteiras rígidas entre cultura e natureza que teimam em ser erguidas, apesar do contexto de mudanças sociais profundas.

**Romain Bragard
& Wellington Maciel**

